

Migrações internacionais: as provocações do Espírito às igrejas da América Latina

Carmem Lussi*

Introdução

A missionariedade provocada e favorecida pelos movimentos de população nas igrejas da América Latina é um tema que pode ser utilizado como perspectiva para ler toda a história da evangelização do continente, por ser uma realidade – a das migrações – consistente, sobretudo em alguns países, e por ser um processo fundamental para a configuração das comunidades locais.

É notório que o tema da missiologia e da missionariedade em relação ao tema da mobilidade humana não tem desenvolvido, no curso dos tempos, uma inter-relação da qual se possa, hoje, amplamente colher os frutos e os ensinamentos. Faz-se necessário percorrer certos passos novos, cientes de que a novidade pode lançar novos lumes e esperanças, assim como pode questionar pontos discutíveis e até ser questionada. Ficando um passo atrás de juízos sobre processos históricos, aceno somente a alguns pontos para introduzir a abordagem que vou apresentar em seguida.

O momento histórico que viu o surgir de uma atenção pastoral mais específica da Igreja pelas pessoas em mobilidade e o início da articulação desta ação – o século XIX – era marcado por algumas realidades referentes aos movimentos populacionais que distam amplamente daquela na qual nos encontramos hoje: de um lado as migrações em massa, não somente não encontravam as fronteiras e os muros de hoje, mas eram fundamentalmente favorecidas pelos governos. Pessoas e povos em mobilidade receberam amplo apoio da Igreja que, então, em sua relação com o mundo fora da Europa, se relacionava quase exclusivamente através da S. Congregação de Propaganda Fide. Os patriarcas¹ e as matricarcas² da ação da igreja em favor de seus filhos em mobilidade se articularam a partir desta perspectiva e foram enviados (as) junto aos migrantes em nome, com a autoridade e até com o dinheiro de Propaganda Fide. As últimas décadas de 1800 registraram muitas preocupações das Igrejas de origem das grandes correntes migratórias e provavelmente outras tantas ações nos locais de chegada destes fluxos, em nome da missão *ad gentes* ou a esta correlata.

A reforma da cúria romana, por Pio X, em 1908³ mudou a configuração do panorama eclesial e as migrações deixaram de ser um tema missionário. Tornam-se, cada vez mais, um problema limitado e contextualizado, e, sua gestão, confiada aos especialistas precedentemente inseridos neste âmbito, ou deixada à eventual inspiração e esforço de ordinários zelosos. Não é aqui o espaço para uma análise de como a consciência do papel das migrações e de suas potencialidades na vida da Igreja tem mudado no decorrer dos últimos 100 anos.⁴ O Vaticano II retoma a

* Texto apresentado no *Colóquio internacional: "Migraciones... provocaciones del Espíritu"*, celebrado em Louvânia de 18 a 20 de outubro de 2007. Texto disponibilizado em janeiro de 2008, com autorização da autora, no site http://www.csem.org.br/artigos_port_teologia_08.html. Versão em francês, em formato abreviado, encontra-se disponível no site <http://www.lumenonline.net/main/document/document.php?cidReq=AF5>.

* Religiosa missionária scalabriniana. Missióloga. Diretora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília-Brasil e da REMHU – *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*.

¹ Jeremias Bonomelli, João Batista Scalabrini, Carlo Ferrari, João Bosco, para citar alguns nomes.

² Sobretudo Francesca Saverio Cabrini.

³ A qual seguiu, em 1912, a constituição da Sessão Especial para a Emigração junto à S. Congregação Concistorial. Cf. também TASSELLO, Giovanni Graziano. "I documenti del magistero ecclesiale e le migrazioni", *Studi Emigrazione*, XXXVIII, n. 143 (2001) 631-632; cf. *Erga Migrantes*, n. 19-23.

⁴ A recente publicação da EMCC recolhe muitos frutos deste percurso. Os dois volumes publicados recentemente pelo Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes trazem artigos ricos sobre o tema, em particular, sublinho o texto de TASSELLO, Graziano Giovanni. "Le Chiese Locali e le migrazioni moderne", in: *La sollecitudine*

perspectiva de 1912 e, depois de longo debate conciliar, confia ao ministério episcopal a responsabilidade de prover pela igreja em mobilidade, como nos apresenta o decreto *Christus Dominus*, n. 18.⁵

Foi a nova consciência da intrínseca vocação missionária da Igreja, difusa e fortificada nas últimas décadas e o aumento da mobilidade de pessoas e povos, juntamente com sua problematização, que sugeriu novas perspectivas, e dentro destas, hoje, podemos propor novas leituras e acreditar na missionariedade que as migrações forjam, possibilitam e realizam.

Uma certa linha da tradição da Igreja no serviço missionário entre pessoas em mobilidade insistiu prevalentemente em uma abordagem das migrações a partir da condição de sofrimento das pessoas migrantes mais pobres e necessitadas. Sem nada tirar dos grandes méritos que essa tradição traz em sua bagagem, da qual sou filha em duplo sentido, e da migração e da missão que a assistiu, defendo aqui a necessidade fundamental de um duplo movimento, por um lado de alargamento e por outro de inversão de perspectiva. Explico-me.

O alargamento tem a ver com a compreensão do fenômeno migratório, sua complexidade e diversidade, sua heterogeneidade e suas potencialidades, não somente suas necessidades. Os sofrimentos dos migrantes não são somente sócio-econômicos e as violações de que são vítimas não são somente na ‘primeira hora’, somente para citar dois aspectos da realidade. Faz-se necessário pensar a mobilidade de pessoas, dentro da complexidade de temas e relações que essa realidade implica, desde a ação que a emergência impõe às comunidades locais onde as urgências acontecem, até a construção da interculturalidade intra-eclesial que inclui diferentes povos e línguas, pelas migrações, na formação de uma única determinada comunidade local. Acolhida e catequese, sim, mas, também defesa dos direitos humanos, protagonismo na Igreja e nas realidades sócio-culturais onde os migrantes chegam e participação responsável nos processos da nova comunidade, sem vitimismos, para citar alguns exemplos.

A inversão tem a ver com o ponto de vista de onde se colocam pastores e mediadoras culturais, missiólogos e teólogas: não basta estudar as migrações a partir dos sofrimentos nem das potencialidades dos migrantes e refugiados para se entender e integrar o que o Espírito diz às Igrejas sobre toda a complexa realidade da mobilidade humana. É o discurso sobre a Igreja que permite uma abordagem mais ampla e autêntica das migrações de hoje e de amanhã, trata-se de um desafio eclesiológico. As reflexões sobre a missionariedade das migrações ou sobre a mobilidade missionária são temas que dizem respeito, não tanto à mobilidade de pessoas, mas à qualidade da vida eclesial, de sua intensidade nas relações, até de sua autenticidade institucional. As pessoas e os grupos em mobilidade encontram ou não a Igreja e têm nela espaço e voz na medida da maturidade missionária da Igreja que os recebe. Esta é a convicção de fundo da reflexão que partilho, e que encontro eco no recente texto, já citado, de Tassello:

...é a circulação de uma nova eclesiologia que incide profundamente sobre a pastoral da mobilidade. Não se trata somente de oferecer uma assistência a pessoas necessitadas de atenção particular (...). Não se trata de trabalhar para os migrantes, mas de tornar mais conforme ao projeto de Deus o volto da Igreja e da humanidade junto com eles. Toda a Igreja é, assim, atingida saudavelmente pelo fenômeno da mobilidade e é convidada a

della Chiesa verso i migranti. Commenti all’Istruzione *Erga migrantes Caritas Christi* (I Parte). Quaderni Universitari. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 48-67. O segundo volume apresenta diversos aspectos do documento: *Migranti e pastorale d’accoglienza*. Commenti all’Istruzione *Erga migrantes Caritas Christi* (II Parte). Quaderni Universitari. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006.

⁵ Apresento brevemente este percurso em LUSI, Carmem. *La missione della Chiesa nel contesto della mobilità umana*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2005, p. 15-26. O texto foi publicado em edição revista e ampliada pela Editora CSEM, Brasília, 2006, p. 17-30.

emigrar de seus esquemas tradicionais para viver em plenitude a missionariedade e a catolicidade.⁶

Neste sentido, procurei refletir sobre o que o Espírito diz às Igrejas da América Latina, em termos de mobilidade humana: breves elementos da realidade das Igrejas na América Latina, as principais características das comunidades marcadas pela mobilidade humana, para me concentrar em algumas perspectivas de missionariedade que a inter-relação igreja *versus* mobilidade humana sugere. Concluirei, se tiver tempo, com alguns elementos do documento final da última Conferência do CELAM, de maio 2007.

1. O caminho da Igreja na América Latina

A história da Igreja na América Latina dos últimos 50 anos pode ser escrita em modo exaustivo re-percorrendo suas cinco conferências plenárias⁷, etapas fundamentais de sua autocompreensão, de suas opções estratégicas, e, portanto, marcos de sua configuração no tempo e no seu contexto específico. Apesar da realidade latino-americana ser amplamente diversificada ao seu interior, geograficamente e politicamente, culturalmente e socialmente, a teologia talvez mais que qualquer outra instância, aprendeu cedo a pensar os caminhos da Igreja no continente como traços diversificados de um mesmo processo, da mesma história de salvação que Deus quer realizar naquele continente. Décadas riquíssimas de Palavra de Deus nas comunidades; de teólogos e teólogas pensando, aprofundando e partilhando sobre a Igreja, a fé e a vida dos cristãos; pastores juntamente com evangelizadores e evangelizadoras unidos na celebração e no compromisso que a fé suscita no cotidiano das realidades de pobreza que os povos daquele continente viveram e ainda vivem, doam hoje às Igrejas locais do continente uma grande herança. Trata-se de uma riqueza de metodologia, de memória de caminho percorrido comunitariamente, de bagagem espiritual e cultural que, para o tema específico da mobilidade humana, são processos e potencialidades efetivos de missionariedade da e para a Igreja toda. Alguns traços deste percurso da Igreja no continente podem ser particularmente fecundos, na medida da resposta aos apelos do Espírito através das várias modalidades de migrações contemporâneas. Ilustro brevemente somente quatro dessas características:

1.1 O marco da opção preferencial pelos pobres

Imprescindível ponto de referência é a opção preferencial, não excludente nem exclusiva, pelos pobres. De pobres é feita a grande parte dos fluxos de migrantes que mobilizam o continente, dentro e para fora dele. O tema dos pobres, reconhece um dos maiores expoentes da teologia da libertação, José Comblin, “não é uma criação latino-americana, pois ocupa posição central em todo o Novo Testamento, sendo já preparado no Antigo Testamento pela tradição profética. (...) [Mas] foi na América Latina, na segunda metade do século XX, que a proclamação do tema dos pobres foi

⁶ TASSELLO, Graziano Giovanni. “Le Chiese Locali...”, p. 61-62.

⁷ “A primeira, realizada no Rio de Janeiro (1955), buscou enfrentar as consequências da secularização na América Latina, Medellín (1968) foi uma resposta à urgência de se implantar, no continente, o Concílio Vaticano II. Puebla (1979) analisou a ação evangelizadora, predominantemente sob o prisma da crescente pobreza e dos regimes políticos de exceção. Santo Domingo (1992) marcou-se, entre outros aspectos, pelos desafios de uma nova evangelização em diálogo com as culturas, atingidas cada vez mais pelo pluralismo e pela secularização”. A conferência de Aparecida (2007) deverá ainda revelar sua especificidade, mas a preocupação com os temas que afligem as igrejas do continente, como a fome e a mobilidade humana por necessidade, emergiu claramente no debate que precedeu e que acompanhou a realização da mesma. PORTELLA AMADO, Joel. “Jesus Cristo e o diálogo com as culturas urbanas na América Latina”, in: DIONISIO PIVA, Elói (Org.). *Evangelização. Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 257.

adotada como nunca na história”.⁸ Para Gutierrez, a “inovadora perspectiva pastoral e teológica”⁹ que João XXIII lançou nas vésperas do Concílio Vaticano II indicou o caminho a diferentes grupos eclesiais da América Latina, que podem ser hoje identificados nos que assumem as lutas pela defesa dos direitos humanos e da vida em geral, a promoção da justiça e da solidariedade. Os membros desses grupos cristãos tomam consciência, cada vez mais aguda, “da injustiça que representam a pobreza e a insignificância social e comprometem-se, de maneira diversificada, no processo de libertação. (...) O mundo da pobreza atenta contra a dignidade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus”.¹⁰

A preferência [pelos pobres] converte-se, é bom anotar, em uma denúncia das desigualdades e marginalizações existentes na sociedade. Procura fazer com que a afirmação da universalidade do amor de Deus não se torne um manto piedoso que venha a ocultar a desigualdade e as injustiças sociais que atentam, justamente, contra o Reino anunciado por Jesus.¹¹

A condição de pobreza é a causa primeira da emigração de inteiras faixas da população, seja para as cidades do mesmo país, seja para outras terras; e, muitas vezes, é próprio através de contínuas migrações que pessoas e inteiras famílias se fixam em condições de maior pobreza e marginalização.

A opção pelos pobres incide diretamente na faixa da população do continente que emigra porque é pobre ou empobrece cada vez mais porque emigrou ou vive situações de violação generalizada dos direitos humanos e por esta razão, é obrigada a recorrer à migração para sobreviver. Nesta realidade sócio-econômica, a voz profética e a ação de uma Igreja inteira que se compreende, em sua identidade enquanto Igreja de Cristo, com a causa dos pobres, vive, na mobilidade humana, um campo fundamental de sua ação. No mesmo texto citado, Gutierrez recorda que a opção radical pelos pobres na América Latina se tornou conteúdo determinante que se desdobra em três níveis distintos, porém inter-relacionados: o terreno pastoral pelo qual a Igreja se insere nos setores pobres e excluídos e vive com eles a solidariedade; o espaço da inteligência da fé, pelo qual se faz a leitura de fé da história humana desses povos e, o nível mais profundo, “onde repousam os dois anteriores, está o da espiritualidade. A opção pelo pobre é um componente fundamental do seguimento de Jesus”.¹²

Embora a vida cristã não se apresente como “imitação literal e sim de seguimento criativo e novo a cada passo, a comunidade sente-se levada pelo mesmo Espírito que impulsionou Jesus durante sua vida: o espírito do serviço, em favor da vida para todos, a começar pelos mais marginalizados”.¹³

1.2 O processo de (re)autocaracterização cultural

Trata-se de um lento e profundo processo pelo qual as Igrejas do continente, desde longa data, fortificadas especialmente pelas celebrações e pela consciência histórica dos 500 anos de

⁸ COMBLIN, José. “Os pobres na igreja latino-americana”, in: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe*. Novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 263.

⁹ GUTIERREZ, Gustavo. “A opção profética de uma igreja”, in: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja...* p. 282.

¹⁰ Idem, p. 284.

¹¹ Idem, p. 288.

¹² Cf. Idem, p. 289-290.

¹³ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Discípulos de Jesus hoje”, in: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja...* p. 356.

evangelização, vão operando escolhas e fazendo passos em direção a uma configuração de sua arquitetura, de sua liturgia, de suas práticas mais em base à cultura de seus povos originários do continente e sempre menos em base ao modelo eclesiológico e cultural dos colonizadores e dos evangelizadores da primeira hora. É um processo ainda pouco definido e talvez bastante fragmentado; mas trata-se de um ponto de não retorno que tem a sua força não somente na teologia da inculturação, mas diretamente na Encarnação, que lhe garante respaldo e força.¹⁴

Durante as celebrações dos 500 anos foi feita uma avaliação do período da conquista. Constatou-se que, na época, a maioria dos missionários não levaram em conta as culturas dos povos evangelizados. Daí surgiu a pergunta: hoje, na estruturação da Igreja latino-americana estão sendo levadas em conta as culturas presentes no continente? Ou estamos, novamente, reproduzindo o modelo europeu? Não se trata apenas de retornar ao passado, mas de construir uma Igreja que responda aos desafios de seu contexto cultural.

Esse processo tem diretamente a ver com a missionariedade da Igreja que quer se deixar interpelar e dinamizar pelos *inputs* que o Espírito e as pessoas em mobilidade lhe oferecem: nos encontros entre comunidade autóctones e comunidades de migrantes, emerge uma diferenciação histórico-cultural, muitas vezes acompanhada de conflitos, porque o encontro de diferenças faz emergir o tema da identidade. A mesma tendência oposta ao processo homogeneizante da globalização, que fez emergir, mundialmente, o tema da identidade e mostrou toda sua ambigüidade e riscos, aparece nos processos migratórios como oportunidade, enquanto a convergência fundamental dos diferentes percursos históricos e diferentes identidades foi antecipadamente operada pelo movimento migratório em si mesmo. Uma vez desencadeada a inter-relação, a comunidade cristã pode ir desamarrando os nós, à medida que for reconhecendo os seus e aceitando entrar no emaranhado das relações, dos problemas e dos sonhos dos migrantes.

Não estamos diante de um processo teórico ou de uma reivindicação de grupos isolados de identidades específicas por direito à palavra e ao espaço na comunidade eclesial. Trata-se de um movimento lento, que não se pode conter, intrínseco ao encontro de comunidades diferentes entre si e de pessoas e grupos que se aproximam da Palavra e da Igreja, trazendo consigo sua herança histórico-cultural diferenciada, sem disposição a renunciar à mesma, mas abertos a reconstruir novas identidades existenciais e comunitárias, eclesiais e sócio-culturais. São encontros que nascem do anúncio do Evangelho, na Palavra, na celebração ou na solidariedade. Nesse movimento, homens e mulheres migrantes exercem um papel fundamental, pois são eles e elas exatamente que desencadeiam a busca por sínteses novas que integrem suas ânsias, sua herança, sua riqueza, sua história de vida, de percurso e de fé. Nesse processo, vai acontecendo uma re-invenção da forma cultural com a qual se vestem nossas comunidades cristãs na América Latina.¹⁵

1.3 A Palavra de Deus na constituição e formação das pequenas comunidades

Juntamente com a opção pelos pobres, a Igreja da América Latina já traz longa tradição de valorização do “potencial evangelizador dos pobres (*Puebla* n. 1147)”¹⁶, que emerge na participação dos pobres na vida da Igreja, mas, em particular, revela-se na centralidade e familiaridade com a Palavra de Deus. Assim fala, desta característica da Igreja latino-americana, Pablo Richard:

¹⁴ Cf. BOFF, Leonardo. *América Latina: da conquista espiritual à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992; DUSSEL, Enrique. *1492 - o encobrimento do outro. A origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹⁵ A importância do tema da diversidade cultural, juntamente com a redescoberta das culturas, temas caros aos estudos sobre migrações, é pensado por Brighenti como um dos novos sinais dos tempos que desafiam a Igreja hoje. Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa. A novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004. Em particular cf. p. 67-92.

¹⁶ RICHARD, Pablo. “A Igreja católica na América Latina e a opção pelos pobres”, in: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja...* p. 300.

Um movimento que se expande e se fortalece em toda a América Latina e no Caribe é a chamada “leitura popular da Bíblia”. Alguns a chamam leitura pastoral ou comunitária da Bíblia. O que se procura é devolver ao povo de Deus a Bíblia, colocando-a em suas mãos, em seu coração e sua mente. Trata-se de uma busca apaixonada pela Palavra de Deus nas Escrituras e no livro da vida à luz da Bíblia.¹⁷

Em torno da Palavra de Deus constituíram-se e se fortaleceram os grupos chamados círculos bíblicos e as comunidades eclesiais de base, que ainda povoam inteiras regiões do continente, sobretudo onde a instituição eclesial é escassa ou onde é comprometida com a Opção de Medellín e Puebla.¹⁸

Colocar a Bíblia nas “mãos do povo” tem importantes implicações em termos de protagonismo popular: o povo deixa de ser dependente do padre e interpreta a Bíblia de forma comunitária, valorizando as contribuições de cada membro do grupo. O Espírito participativo, comunitário e comunitário é fortalecido. Além disso, a Bíblia é lida sempre a partir da realidade da comunidade e, quando possível, com a mediação do método histórico-crítico, assim como foi elaborado por Carlos Mesters, já há décadas, hoje amplamente difundido e utilizado em quase todo o continente.

Existe uma diversidade que caracteriza a história da evangelização não somente a nível latino-americano, mas também dentro de um mesmo país como é o caso do Brasil. Essa pluralidade traz como consequência que, facilmente, a organização, o estilo e as práticas das comunidades variam amplamente, não somente em suas formas, mas até em sua visão de Deus e da Igreja. As migrações superam estas fronteiras, sem superá-las enquanto barreiras. A escuta da Palavra recompõe em unidade e em caminho a comunidade, velhos e novos que chegam no lugar. Entorno da Palavra, lida, partilhada e celebrada, os migrantes entram a fazer parte das pequenas comunidades que compõem o tecido fundamental desta Igreja.

1.4 Uma teologia em constante diálogo e circularidade com a vida das comunidades do continente

A compreensão que tem de si a teologia produzida na América Latina sublinha que “a tarefa da teologia é ser o “momento segundo”, de uma reflexão crítica da fé, precedida pela experiência da mesma por comunidades eclesiais com seus desafios concretos”.¹⁹ Esse “momento segundo”, na realidade, tornou-se, cada vez mais, espaço e modalidade para a revitalização de processos, alimento para projetos e comunidades, alargamento e fundamentação de idéias e sonhos dos cristãos daquela Igreja. O diálogo com a vida e a história das pequenas e grandes comunidades foi enriquecendo a teologia e, também, as próprias comunidades, que tiveram nos teólogos e teólogas grandes mestres e companheiros de vida, organização, celebração e até projetualidade. Tal interação desencadeou uma rica circularidade de experiências, saberes e ideais que hoje, se mostra inseparável a ligação entre teologia e “base”, em muitas realidades locais do continente. Esta circularidade ajuda e até habilita as comunidades a identificar os desafios que o mundo e a fé lhes apresentam e a buscar, motivar e ativar respostas aos mesmos. Entre esses, as causas, as

¹⁷ Idem, p. 301.

¹⁸ Uma apresentação mais ampla da presença da Palavra de Deus nas comunidades eclesiais de base ver CAVALCANTI, Maria Teresa P. “CEBs: impulso criativo de uma experiência comunitária”, in: DIONISIO PIVA, Elói (org.). *Evangelização. Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 66-89. Cf também MUNOZ, Ronaldo. “Para uma eclesiologia latino-americana”, in: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja...* p. 312-313.

¹⁹ BRIGHENTI, Agenor. “A Igreja perplexa...”, p. 108.

conseqüências e o desenrolar de movimentos migratórios de pessoas e de inteiras populações, como acontece já há anos com, na e da Colômbia, por exemplo, ou como aconteceu por décadas do nordeste brasileiro para São Paulo e outros centros urbanos, ou do México para os Estados Unidos.

No último Seminário Latino-americano de Teologia, realizado durante a V Conferência do CELAM, em maio de 2007,²⁰ emergiu amplamente o fato (e suas interpretações) da realidade eclesiológica latino-americana como sendo hoje, marcada pela co-presença de diferentes modelos eclesiológicos.²¹ A pluralidade e complexidade desse fato, não negam, antes, ampliam esta característica e o papel da teologia na formação e reconstrução de identidades e comunidades eclesiais. Neste processo, os fluxos migratórios questionam os modelos enquanto evidenciam a inclusão ou não das pessoas, cristãs e não, autóctones e estrangeiras, nas realidades eclesiais e sócio-culturais locais.²² Em um contexto onde existe a circularidade entre vivências da fé e inteligência refletida da mesma, a teologia vai contribuindo de modo expressivo para que os desafios entrem, progressivamente, a fazer parte intrínseca dos processos de reconfiguração organizativa e identitária das comunidades cristãs locais. Entre estes desafios, entendidos mais genericamente, também a chegada e a convivência com imigrantes, internos e internacionais. Esta é também, uma esperança, pois ainda não se pode afirmar que seja uma realidade que perpassa o continente.

2. Características das comunidades marcadas pela mobilidade humana

Um panorama sobre a realidade migratória na América Latina²³ hoje revela uma série de peculiaridades a respeito do panorama internacional, sobretudo com relação às políticas migratórias e às grandes problemáticas que a Europa antes, e os Estados Unidos depois, impuseram à agenda internacional em tema de mobilidade de pessoas. Evidentemente, muitos aspectos coincidem com o que se vive em tema de mobilidade humana em outros continentes. Para este espaço basta retomar, por macro temas, algumas características, fixando o foco na caracterização que a mobilidade de pessoas determina nas comunidades locais do continente. Esta leitura nos é necessária para poder chegar ao desafio missionário que os movimentos populacionais apontam à Igreja.²⁴

2.1 Urbanização e desterritorialização

²⁰ Os textos das palestras se encontram no site do CNLB – Conselho Nacional do Laicato do Brasil: <http://www.cnlb.org.br/?system=publicacoes&cid=22>. Acesso em 20 de julho de 2007.

²¹ Apresentações sintéticas dos modelos eclesiológicos analisados pela teologia podem ser encontrados em MUNOZ, Ronaldo. “Para uma eclesiologia... p. 303-321 e em RICHARD, Pablo. “A Igreja Católica... p.293-302. Ver também REZENDE DE MORAES, Eva Aparecida. “Os desafios para a Igreja latino-americana no século XXI”, in: <http://www.cnlb.org.br/pub/publicacoes/d5491e25d77c61114522c972030138e7.doc> Acesso em 25 de julho de 2007.

²² Eva Aparecida de Moraes Rezende defende o caráter salutar da pluralidade de modelos: “Os modelos, na Igreja, surgem carregados de objetividade e também de subjetividade, já que evidenciam uma *identificação de sentido*. Este é um processo *dialético* que, inclusive, pode ser gerador de conflito se a exteriorização de determinado modelo não possui o espaço necessário de manifestação. Assim, como no fenômeno social, deve existir na Igreja um espaço para este processo dialético”, In: <http://www.cnlb.org.br/pub/publicacoes/d5491e25d77c61114522c972030138e7.doc> Acesso em 25 de julho de 2007.

²³ Um artigo com ampla apresentação sobre a realidade migratória latino-americana e caribenha, encontra-se no site do CSEM. Cf. MARINUCCI, Roberto. “Migrações internacionais intra-regionais na América Latina e no Caribe”, in: http://www.csem.org.br/pdfs/migracoes_em_america_latina_e_caribe_roberto_marinucci.pdf Acesso em 22 de julho de 2007.

²⁴ Temos consciência de que a leitura do fenômeno migratório é ligada aos objetivos do estudo da mesma, e de que as abordagens diferentes podem conduzir a diferentes resultados no conhecimento do fenômeno e de suas implicações, seja para os sujeitos de tais processos, seja para as instituições destas sociedades e seus governos. Diferentes teorias das migrações, hoje, se confrontam e completam nesta árdua tarefa. Não é aqui o espaço para o desenvolvimento do tema, e, portanto, reenviamos às fontes específicas sobre teoria(s) das migrações.

Uma primeira característica tem a ver com dois movimentos, não idênticos, mas identificáveis no termo urbanização²⁵: a concentração das populações nas cidades, e, sobretudo, a mentalidade urbana que a globalização levou até mesmo aos recantos mais distantes dos centros urbanos latino-americanos, com suas características novas a respeito do contexto tradicional das comunidades cristãs do continente, quais, a pluralidade de referências, a mobilidade, o anonimato, a multiplicação de interesses, entre outros.²⁶ À urbanização acrescenta-se o fato que, o princípio tradicional de organização eclesial a partir da idéia de território, é superado com a urbanização em *latu senso* e ainda mais com a mobilidade de pessoas, que hoje vai muito além dos movimentos migratórios entendidos em modo clássico. Estes incluem as formas de circularidade, rotatividade e pendularismo que se difundem sempre mais nas grandes metrópoles latino-americanas, onde existe uma forte “porosidade de fronteiras”, em todos os sentidos.

“Do ponto de vista prático para a instituição, vivemos cada vez mais, na Igreja católica, uma desterritorialização geográfica, institucional e dogmática de fiéis”.²⁷ Esta nova realidade não é restrita à específica condição de mobilidade de pessoas, mas migrantes e refugiados a vivem de modo mais intenso, e, por causa e graças a esses fluxos, toda a comunidade é interpelada a interagir com a realidade de seus novos interlocutores. A preocupação pastoral pela evangelização e, mais em geral, pela edificação de comunidades cristãs em centros urbanos, se qualifica como esforço para construir uma concepção de comunidades de pessoas urbanizadas por um lado, e, ao mesmo tempo, desenraizadas pelas marcas da desterritorialização que a migração e o contexto contemporâneo podem produzir.

A desterritorialização tem a ver, também, com a ausência ou a não radicação da pessoa ou do grupo em um tecido sócio-cultural e/ou geográfico onde adotar e consolidar parâmetros culturais de orientação para as práticas da vida social e até familiar, os valores e os sonhos, os sofrimentos e os desafios. Portanto, à desterritorialização unem-se outros fenômenos como a desintegração, a facilidade à exclusão e a marginalização, com todas as formas de violação da dignidade humana. A remigração e outras formas de mobilidade se tornam um potente agravante de tais condições ou um risco que expõe migrantes e itinerantes a entrar no mesmo mecanismo.

2.2 Mobilidade e laicidade

De Certeau²⁸ bem escreveu como os missionários podem ser os migrantes por excelência. Na realidade latino-americana, onde a maioria dos migrantes “ainda” é constituída de cristãos e até mesmo de católicos, a mobilidade humana coincide também com a mobilidade das lideranças das comunidades. Conseqüentemente, as migrações comportam a mobilidade dentro da comunidade, porque para cada emigrante que vai, outros chegam e outros ainda se descobrem líderes e evangelizadores, que se responsabilizam pela fé de terceiros. Em uma Igreja onde a *leadership* é amplamente de maioria leiga, e, sendo entre os leigos que a mobilidade de pessoas é mais sentida, as migrações revigoram e fragilizam constantemente as comunidades. Por um lado revigoram porque podem levar novos líderes de outras comunidades para novos destinos migratórios, fazendo circular evangelizadores e dons, experiências e visões novas na Igreja, apesar de ser este um movimento muito escasso, pois raramente lideranças que emigram são integrados como pedras vivas na edificação das comunidades cristãs aonde chegam, ou somente lentamente tal processo pode acontecer. A mobilidade humana também enfraquece as comunidades, as fragiliza pela rotatividade e pela pluralidade, não só de líderes, que necessitam seu tempo e passam por suas

²⁵ Ver PORTELLA AMADO, Joel. “Jesus Cristo e o diálogo com as culturas urbanas da América Latina”, in: DIONISIO PIVA, Elói (org.). *Evangelização*. Legado... p. 254-255.

²⁶ Cf. BERKENBROCK, Volney José. “Perspectivas e desafios para a evangelização na América Latina: constatações a partir do outro lado”, in: DIONISIO PIVA, Elói (org.). *Evangelização*. Legado... p. 218-220.

²⁷ Idem, p. 243.

²⁸ DE CERTEAU, Michel. *L'étranger ou l'union dans la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, p. 77-84.

dinâmicas para se integrarem e transformarem a migração em elemento enriquecedor, para si mesmos e para a Igreja.

E as pessoas que migram? Em princípio, a visão é que com as migrações as Igrejas enviam missionários e missionárias mundo afora, partilham sua experiência de ser Igreja, seu caminho, sua fé. Na realidade de fato, porém, nem sempre os migrantes conseguem encontrar espaços em outras paróquias, pois, em geral, a rotatividade e a renovação das lideranças dentro das paróquias são muito baixas e a integração de novos membros na comunidade carece da acolhida que as primeiras comunidades narram sobre os emigrantes fugitivos de Roma como Áquila e Priscila. Quando o migrante, além de sua diferença pessoal, cultural e histórica, traz modelos diferentes de religiosidade, dificilmente vai ser aceito enquanto liderança na nova comunidade, impedindo, assim, que a circularidade de irmãos e irmãs, líderes e missionários produza frutos para a Igreja e para o Reino. Existem regiões inteiras da América Latina aonde a fé chegou pelos fluxos migratórios, hoje ainda identificáveis pelas pertenças confessionais prevalentes, segundo o país de origem de seus imigrantes; todavia, a efetividade da “função missionária” dos migrantes hoje, com a fragmentação e a falta de integração que a realidade migratória registra, torna-se cada vez mais improvável na sua prática concreta, aumentando, pelo contrário, as situações de abandono da comunidade e de migração religiosa, a qual se explica²⁹ não somente e nem tanto pelas migrações em si, mas muito mais pela mudança de época ou pelo novo paradigma emergente³⁰.

Com a imigração e, portanto, a presença de novos membros nas comunidades locais, não é tanto a instituição que pode jogar um papel decisivo na constituição de relações, na valorização de pessoas novas que chegam, talvez nem na orientação de quem sai, mas os leigos e as leigas, os colegas de trabalho e a vizinhança constituem-se em retículos de solidariedade, de comunhão e de possibilidades para que a migração seja canal de evangelização e não de abandono da fé e do caminho.

2.3 Descontinuidade e memória

A intensidade dos fluxos migratórios, internos e internacionais, sobretudo os intra-regionais no continente abrem para uma realidade mais ampla de quanto indicado na desterritorialização e na mobilidade de pessoas e grupos. Existem cidades e fronteiras na América Latina que foram totalmente transfiguradas em breves períodos de tempo, até mesmo em poucos anos. O aumento populacional em determinadas áreas e cidades, principalmente periferias e cidades satélites, transformaram o ambiente, sua geografia, sua organização, seu equilíbrio (se alguma vez teve) nos serviços básicos, nos transportes, nas relações de poder institucionalizado ou não.

Tal panorama, mais estudado pelas suas conseqüências (violência urbana, primeira entre todas) que pela processualidade que o gerou, tem diretamente a ver com fluxos intensos de população, que superam as teorias normalmente utilizadas, de correntes migratórias ou de programação de fluxos. Além do desafio que se apresenta em nível macro para a Igreja, no sentido de explorar e intervir em modo incisivo nas políticas e no planejamento estratégico que decidem as sortes da comunidade humana, a agressividade dos dados e dos processos indicados chama em causa a percepção de si que as comunidades e a instituição cultivam nestes espaços. Bairros nascidos em poucos anos, sem memória nem identidade formuladas (formuláveis?), poluição e destruição do meio ambiente para quem chega e para quem estava no local há mais tempo, inviabilizando condições mínimas de vida, saúde e convivência, segregação social e espacial de

²⁹ O tema da relação entre religião e migrações foi desenvolvido no n. 28 da REMHU – *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 15, 2007. Versão eletrônica do Sumário do volume encontra-se no site do CSEM, Editora da Revista: http://www.csem.org.br/pdfs/sumario_remhu28.pdf. Acesso em 27 de julho de 2007.

³⁰ O tema dos paradigmas missionários referentes aos paradigmas epocais foi amplamente apresentado por Jean Paré, em seu volume *Défis à la mission du troisième millénaire*. Montreal: Missionnaires de la Consolata, 2002.

grupos étnico-lingüísticos ou simplesmente estereotipização de grupos de origem cultural ou geográfica específicos, são alguns dos exemplos que irrompem como explosões nas dioceses do continente. São processos e conseqüências de fluxos migratórios, não conhecidos talvez, não governáveis provavelmente, mas que, nem por isto justificaram a omissão, o estigma, a exclusão.

A memória talvez não tenha muita escola para ensinar por onde passam os passos deste caminho, mas o Espírito chama as Igrejas à ação, que não é somente a criação de novas paróquias modelo tradicional nestes espaços. A presença de povo que chega pelas vias da mobilidade e desafia, atinge diretamente a mobilidade da Igreja, e é uma das esperanças que missionárias e missionários que vivem no mundo das migrações adoramos cultivar como sonho.

Emerge a urgência de se pensar novos modelos de interpretação do tempo e do contexto histórico, no sentido de uma eclesialidade que se configura e reconfigura a partir dos desafios e das respostas que sua missionariedade vive em cada tempo e lugar onde se encontram as comunidades. Tal processo é alimentado (e às vezes atropelado) pelos fluxos de chegada – até explosiva, ou saída até hemorrágica – de habitantes de um mesmo bairro/cidade/Estado, onde a comunidade vive, se constrói e cresce, na fé e no número, pela herança e pela evangelização; ou sobrevive, mas então sem acolhida nem acompanhamento de quem chega e de quem sai, sobretudo onde a herança e a evangelização já não são reconhecíveis.

2.4 Ortodoxia institucionalizada e informalidade cristã

Nos movimentos migratórios pelas vias, pelos rios e pelos ares deste continente, mais pela vias que pelos ares, vai acontecendo um intercâmbio de vida e de fé, de religiosidades e de experiências de Deus, que já não chamamos mais sincretismo, para chamar de mobilidade religiosa e eclesial. A desterritorialização ou porosidade das fronteiras, já citadas, sugerem uma nova interpretação deste fenômeno, que vive, com a mobilidade humana, uma acentuação ainda maior, apesar do fenômeno não ser estritamente ligado nem ter sido gerado pelas migrações de povos, e sim, ser elemento que compõe este novo paradigma no qual vivemos, e que ainda não sabemos exatamente identificar.

No continente, a presença de tantas culturas e de tantos povos imigrados tem provocado um intenso pluralismo cultural e religioso, inclusive no interior do catolicismo. Existem formas extremamente diferentes de vivenciar a única fé no único Senhor, Jesus Cristo. Não temos aqui o espaço para aprofundar esse assunto. Entretanto, cabe lembrar que ao lado do “catolicismo oficial” – se assim podemos dizer – encontramos um “catolicismo popular”, que tem raízes diversificadas no interior das várias realidades sócio-culturais, ligadas sobretudo ao mundo indígena e afro-americano, um “catolicismo libertador”, que se inspira na supracitada opção preferencial pelos pobres, um “catolicismo de movimentos”, que atinge às novas agremiações laicais pós-conciliares e, finalmente, um “catolicismo de tradição”, composto por pessoas cuja adesão responde mais a fatores culturais e/ou tradicionais que a uma escolha fundamental de vida com uma participação comunitária efetiva.

Esse caleidoscópio católico, incentivado, sem dúvida, pela mobilidade humana antiga e recente, não pode ser interpretado de forma negativa. Entendemos os temores da ortodoxia institucionalizada que visa preservar a identidade mais profunda da revelação crística. No entanto, com frequência, o encontro de culturas, religiões e religiosidades na América Latina, mais que um sincretismo deletério, tem gerado uma síntese entre culturas, religiões e religiosidades, que tem enriquecido significativamente a própria inteligência da mensagem evangélica, como é comprovado pela rica produção teológica dos últimos anos.

Além disso, consoante França Miranda, “o sincretismo é também um *processo*, podendo assim ser um fenômeno temporário e não permanente, cujo epílogo permanece ainda uma questão aberta. Enquanto tal, ele poderia ser considerado uma etapa prévia e bastante comum da

inculturação da fé, já que esse fenômeno é complexo, difícil e longo, como reconhece o próprio magistério da Igreja (RMi 52)”.³¹

Nesta perspectiva, ecoam as palavras de Santo Domingo³², quando convidam as igrejas católicas a reconhecer e valorizar as sementes do Verbo escondidas nas tradições indígenas e afro-americanas. Ao mesmo tempo, o grande desafio eclesiológico é superar o eclesiocentrismo institucional, para recuperar a visão da Igreja enquanto instrumento diaconal a serviço do encontro do ser humano com o Cristo vivo em todas as suas manifestações.

3. O que o Espírito diz às igrejas

A primeira constatação que emerge da perícopa que inspirou o título deste Colóquio é que o Espírito conhece a Igreja da América Latina, conhece sua fadiga e sua perseverança (Ap 2,2. 3,10), sua tribulação e o seu medo (Ap 2,9-10), sua real condição e os processos que vive (Ap 2, 13-16), sua conduta, sua falta de coragem, por vezes (Ap 2, 19-20), sua esperança que pode falhar (Ap 3,1) e também a tentação que pode enfrentar, de desanimar ou perder o dinamismo (Ap 3, 14-19) no caminho. Pessoas e povos em mobilidade neste continente também conhecem estas Igrejas, e todas estas situações que as marcam, diferentemente pelo continente afora.

As perspectivas de missionariedade que as migrações estão forjando no continente não apontam para novidades, mas desafiam o fortalecimento de alguns processos que esta Igreja já conhece e que a missão requer revigorados e renovados. Indico algumas perspectivas, que, talvez, são provocações do Espírito a estas Igrejas.³³

3.1 Itinerância e profecia

A primeira perspectiva refere-se à visão de Igreja e de sua relação com o contexto em que vive, ou mais radicalmente ainda: o caminho a ser percorrido comporta a re-visitação dos pressupostos em base aos quais a Igreja se compreende e formula sua ação evangelizadora neste mundo em mobilidade. Trata-se de realidades complexas, em nível local, interno, regional e internacional, que cada vez vão permeando mais as situações humanas e sociais das quais são formadas as comunidades. Joel Portela Amado sugere uma perspectiva precisa:

São séculos de ação evangelizadora construída em cima de paradigmas como estabilidade, eternidade, incondicionalidade, territorialidade e perenidade. Em termos teológicos, estas categorias são pertinentes e corretíssimas. O problema é de natureza pastoral, na medida em que a transmissão da fé acontece exatamente sobre os trilhos da(s) cultura(s). Neste sentido, o que se percebe aqui é o descompasso entre as categorias de compreensão sobre as quais repousa a ação evangelizadora a que estamos acostumados e as categorias de compreensão

³¹ FRANÇA MIRANDA, Mario de. “Inculturação da fé e sincretismo religioso”, in: IDEM. *Inculturação da fé*. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001, p. 120.

³² Cf. CELAM. *Conclusões de Santo Domingo*, n. 138.

³³ A reflexão teológica sobre a pastoral migratória, entendida em sentido clássico, tem produzido muitos estudos e publicações na América Latina, sobretudo ao nível das igrejas locais. Depois, textos mais conhecidos representam uma reflexão mais divulgada: AUZA, Nestor Tomás. *El exodo de los pueblos*. Manual de Teología y Pastoral de la Movilidad Humana. Santa Fé de Bogotá: CELAM, 1994; SEGRETARIADO PARA LA PASTORAL DE LA MOVILIDAD HUMANA DEL CELAM – SEPMOV. *Peregrinos en la esperanza por la fuerza del Espíritu*. Santa Fé de Bogotá, 1999. (Colección Iglesia en misión n. 11). Outros textos mais recentes, além das citações já indicadas, não especificamente produzidos na América Latina, sugerem aprofundamentos na linha da presente abordagem, quais: “Migrantes y migraciones”, *Spiritus*, Ano 42/2, v. 163, 2001; DURIGON, Sérgio. *La pastorale migratória. Sfida alla missionarietà delle Chiese Locali: Il caso italiano*. Piacenza, 2006. Estratto di tesi di Dottorato nella Facoltà di Teologia della Pontificia Università Urbaniana; CAMPESE, Gioachino – GROODY, Daniel (a cura di). *Missione con i migranti Missione della Chiesa*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2007.

da(s) cultura(s) urbana(s) globalizada(s). De um lado, estabilidade. De outro, mobilidade. De um lado perenidade. De outro, efemeridade, fragilidade de vínculos. Conseqüentemente, o anúncio de Jesus Cristo à(s) cultura(s) urbana(s) deve rever as bases sobre as quais ele acontece.³⁴

Esse caráter de itinerância, que leva a Igreja toda, e não somente as comunidades de base, a colocar-se em discussão, não somente num processo individual de conversão ao Evangelho, mas, sobretudo, na busca para conformar estruturas e critérios, métodos e modelos, discursos e projetos aos desafios da Boa Nova e também daqueles desafios que a luz da Boa Nova revela sobre a vida dos povos do continente, é um traço fundamental da missão de profecia que há décadas a Igreja na América Latina vem assumindo. Tal profecia inclui a denúncia corajosa de todas as formas de ameaça contra a dignidade de pessoas e povos que constituem as comunidades, mas também dos que não fazem parte destas, mas pelos quais o Pai do céu pedirá conta a esta Igreja. Denúncias que dizem a inculturação acontecida e que ainda vai acontecendo na história e na vida deste povo e que, portanto, não silenciam ante às aberrações que ofendem a dignidade dos filhos de Deus. Citando algumas, lembramos a corrupção, a violência institucionalizada³⁵, a concentração da terra, a devastação ecológica, a violação dos direitos humanos, as injustiças sociais, a exclusão, entre outras, que por um lado produzem migração e por outro atacam à vida de quem vive tais fluxos, com leis injustas ancoradas à supremacia dos interesses econômicos e financeiros de poucos, com formas graves de exploração como o tráfico humano, a criminalização das migrações e o trabalho escravo.

Neste contexto marcado por tantas desigualdades e injustiças, a missão da Igreja, de anunciar e formar, inclui um compromisso de participação ativa das comunidades nas instâncias sociais e políticas que decidem e podem comprometer a vida das pessoas em mobilidade. A dimensão profética da Igreja na América Latina tem uma tarefa a cumprir junto às pessoas em mobilidade, não por serem migrantes ou refugiados, mas porque, em sua opção pelos pobres, a Igreja, diferentemente dos governos, não somente não exclui imigrantes e itinerantes de sua atenção, mas vai ao encontro e sabe os canais para que, de excluídos, entrem a participar da vida da Igreja e da sociedade onde a migração os levou. Não se trata somente de assistência direta, mas também ação de consciência e mobilização em vista de mudanças macro-estruturais, que incidam em um futuro melhor para todos e todas, no continente e além deste.

O mundo dos povos, como a geografia dos continentes, sempre se salvou porque se deslocou. Mesmo quando este deslocamento tenha sabor a desterro, a exílio, a diáspora, continua marcando o ritmo da possibilidade de sobreviver. Nada nem ninguém nesta história pode salvar-se cristalizando-se no tempo e no espaço: nem os povos, nem as culturas, nem as religiões. Quem não segue esta lei existencial, ainda que marcada por um princípio de incerteza... conhecerá a esterilidade, enredando-se em seu mundo, entre parasitas oportunistas, exploradores.³⁶

A Igreja sabe estar na origem, sem abandonar quem fica abandonado ou ferido e estar em casa para acolher quem chega... é a mesma missionariedade que integra as diversidades locais e as provindas pelas migrações em um povo em caminho; a mesma que incorpora pessoas em mobilidade como parte viva de sua história e de seu projeto comunitário, e não como membros

³⁴ PORTELLA AMADO, Joel. "Jesus Cristo e o diálogo com as culturas urbanas na América latina", in: DIONISIO PIVA, Elói (org.). *Evangelização* Legado... p. 264.

³⁵ CELAM. *Conclusões de Medellín*. Paz, n. 16.

³⁶ POTENTE, Antonieta. "Evangelho, missão, inculturação: tentativa hermenêutica". In: SOTER e AMERINDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja...* p. 419.

estranhos... Na América Latina, quem migra, em sua maioria talvez, é parte daquela Igreja que é provocada pelo Espírito a viver a migração como desafio, ocasião e sinal da presença de Deus em sua história. A memória e a profecia podem transformar o drama das migrações em tempo novo para as comunidades, da mobilidade dos povos à itinerância espiritual e existencial, eclesial e sócio-cultural da Igreja.

*Las migraciones (...) suponen una llamada urgente de las Iglesias locales a redescubrir su condición de Pueblo de Dios que trasciende y transforma todo estrecho particularismo de raza y nación. Es decir, significan un desafío formidable para la vivencia auténtica de su Catolicidad y una verdadera prueba de toque de su autenticidad.*³⁷

A Igreja é chamada a assumir sua condição de peregrina, sua itinerância e, como sugere Andrés Torres Queiruga, “re-traduzir-se” constantemente. Isso não significa “vender-se à moda, nem abdicar do próprio ser”. Pelo contrário, “significa exercer o primeiro direito e o fundamental dever de toda vida, que é conservar-se mediante a transformação no tempo e (no caso da humana) mediante a criação de nova história”.³⁸

Essa nova história é também histórias de migrantes. Trata-se de pensar a comunidade cristã mista, feitas de autóctones e imigrantes, onde uma “pedagogia do encontro”³⁹ qualifica as relações no âmbito de uma vivência cristã, que implica as realidades humanas e sócio-culturais em modo total; porque, o que acontece com o Povo de Deus, serve de base para que se acredite e construa o mesmo com toda a humanidade.⁴⁰

3.2 Comunidades vivas e defesa da vida

Itinerância e profecia são também indicadores de algo mais amplo: o dinamismo vital das comunidades cristãs, onde a vida, em sentido amplo e integral é vivida, defendida, promovida. A inclusão dos migrantes e refugiados nesse dinamismo comporta, nas palavras de Mons. José Sánchez González⁴¹, bispo de Sigüenza-Guadalajara, uma “nova visão da missão”, à luz do que sugere *Redemptoris missio* n. 34. A perspectiva é que a promoção e busca pela vida, integral, para todos e todas, migrantes incluídos, seja expressão e realização da vitalidade da Igreja. Neste sentido, o diálogo e a inculturação são “chaves” da missão:

La pastoral de migraciones es un laboratorio privilegiado ya que en ella es determinante el diálogo tanto intra como extra eclesial, como base de la acogida hacia las personas inmigrantes. Personas que son realmente diversas, por lo que sus culturas adquieren una importancia privilegiada en el encuentro del Evangelio y de la Iglesia con ellos.

Algunos de entre ellos aún no han conocido el Evangelio de Cristo, otros, en cambio, son ya cristianos, muchos de ellos católicos, pero todos procedentes de culturas diferentes. En el caso de los católicos se requiere un esfuerzo en doble sentido: En primer lugar, respetar y acoger sus formas de vivir y expresar la fe, como un paso importante para que los inmigrantes puedan entender y aprender la cultura y la forma de vivir y expresar la fe en la

³⁷ ROUCO VARELA, Antonio María. *Por una convivencia verdaderamente humana, fraterna y cristiana*. Presentación del Vademécum “La pastoral de las migraciones, camino para la realización de la misión de la Iglesia hoy” y del IV estudio “Extranjeros en Madrid. Informe 2001-2002”. Madrid: Delegación Diocesana de Migraciones, 2003, p. 11.

³⁸ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 246.

³⁹ Cf. A Declaração da Conferência Episcopal Equatoriana de 31 de outubro de 2003: “Nuestros Hermanos Migrantes en España”, in: <http://www.zenit.org/article-10647?l=spanish>. Acesso em 20 de julho de 2007.

⁴⁰ Cf. *Lumen Gentium* n. 1.

⁴¹ GONZÁLEZ, José Sánchez. “Fui extranjero y me acogisteis”. Quito, 01 Febrero 2006. *Manuscripto*.

*comunidad eclesial de acogida, que, además, en segundo lugar, deberá esforzarse también por conocer la cultura de los migrantes.*⁴²

Existe uma missão, confiada àquela Igreja que é composta de migrantes e refugiados em marcha, que para realizar-se necessita, imprescindivelmente, daquela interlocução, sem a qual o imigrante não é sujeito, não pode existir, não tem espaço de vida. Esta relação que, tradicionalmente, foi focada entorno da acolhida, hoje se apresenta também como desafio de percurso conjunto, não somente entre migrantes e autóctones, mas até mesmo entre Igrejas locais de diferentes lugares do mundo, como é a rica experiência da colaboração entre diferentes Conferências Episcopais qual pode ser o CELAM ou a parceria entre Igreja de terras de origem e destino dos migrantes, como por exemplo Equador e Espanha.

...para establecer mecanismos permanentes de diálogo, para definir los criterios y las líneas comunes de la pastoral migratoria. Los Obispos de España y Ecuador, pastores de una misma Iglesia de Jesucristo, vemos en los grandes desafíos de la reciente corriente migratoria de ecuatorianos en España, la presencia del Espíritu de Dios que nos interpela para renovar y fortalecer la maravillosa historia de cooperación misionera de nuestras Iglesias.⁴³

A mobilidade humana neste continente tem feridas graves e profundas, velhas e novas, que as Igrejas não podem ignorar. Se existem comunidades de efetiva vitalidade missionária, o desafio dos direitos humanos de todos e todas, inclusive de migrantes e refugiados é assumido na lógica de Mateus 25, a saber, como indicador da autenticidade do seguimento de Jesus.

Enfim, a atenção da Igreja às pessoas em mobilidade, não pode ignorar que, a busca por trabalho e tudo o que a vida de trabalhador(a) comporta, são fundamentais para se entender e interagir com imigrantes e incorporar comunidades mistas, de autóctones e imigrantes. “Muitos dos fracassos no trabalho para suscitar militantes imigrantes para os imigrantes se deve ao fato de deixarmos de lado esta [o trabalho] dimensão fundamental para suas vidas”.⁴⁴

3.3 Responsabilidade histórica com a história de seus povos

A história de todo o continente americano tem a ver com a integração de povos, línguas e histórias que se encontraram e desencontraram, por vezes em modo violento e por vezes com processos de pluralidade e harmoniosa diversidade. A missão que a Igreja é chamada a desenvolver junto a esses povos e às pessoas e famílias que migram pelo continente e para fora dele, precisa ser entendida no quadro mais amplo desta diversidade e complexidade que são as muitas realidades locais que fazem o tecido de cada um dos países do continente. Assim como a Igreja no continente assumiu a história de seus povos, para incluir todos e todas optou por um radical compromisso com os excluídos, igualmente, a missão para com quem vive os fluxos migratórios, longe de ser uma “pastoral emarginada para os marginalizados”⁴⁵, precisa assumir responsavelmente o processo migratório e a ansia por casa, comunidade e vida, que migrantes e refugiados levam consigo. Somente, a partir desta postura, poderão desenvolver-se formas concretas “específicas e

⁴² Idem.

⁴³ EGUIGUREN, José Vicente. “Raíces de la emigración y responsabilidad moral. Encuentro andino hispano los retos éticos de las migraciones”. Quito, 1 al 3 de febrero del 2006. *Manuscrito*.

⁴⁴ COMISIÓN EPISCOPAL DE MIGRACIONES. *La inmigración. Compromiso cristiano*. Madrid: Edice, 1999, p. 31.

⁴⁵ Perigo conhecido em muitas Igrejas locais, onde a pastoral específica(mente separada), favoreceu a exclusão.

especializadas” de atenção pastoral e inclusão eclesial, à condição que não se estigmatize as diferenças, aumentando a separação e as distâncias, fragilizando as relações.

Trata-se de superar a interpretação das migrações como uma emergência a ser gerenciada à parte. As migrações são parte intrínseca da realidade das comunidades na América Latina e assim precisam ser compreendidas... sem dicotomias, nem mesmo entre a missão das comunidades de origem ou de destino. Sabe-se do risco de cegueira ou simplesmente da invisibilidade da realidade das migrações e do refúgio. A história, o contexto, a política podem levar também a Igreja a se acomodar, desanimar, aceitar ou até adotar processos que levam à fragmentação ou a fortificam, mas o abandono da escuta e das respostas ao desafio constante da mobilidade humana significaria para a Igreja renegar a si mesma.

O compromisso pela vida que o Evangelho confia à Igreja a empenha, em todas as suas instâncias, pelo desenvolvimento humano, sócio-econômico, cultural... para que em duplo sentido seja garantido, o direito a não emigrar e o direito a emigrar⁴⁶, sem que a busca pela sobrevivência nem a usurpação do poder pelo capital sufoquem a esperança dos povos do continente.

3.4 Integração e protagonismo dos migrantes: a lição de Áquila e Priscila

A integração no contexto eclesial não tem somente a ver com a inserção social e trabalhista dos estrangeiros no tecido de uma nova sociedade de chegada, pelo contrário, a integração que se apresenta como desafio à comunidade missionária é o de prevenir que, exatamente, quem chega novo ou nova no local, não precise inventar espaços próprios para que haja um lugar para ele ou para ela na Igreja, porque as diversidades, na Igreja, já são integradas porque vêm de Deus e é o Espírito que as envia à comunidade, como dom de graça. Portanto, o desafio de “construir cristianismos pensados a partir de segmentos diferentes” é pensar formas eclesiais que estejam a serviço do que realmente importa: a mensagem cristã, a Boa Nova anunciada por Jesus, o Cristo. “Quando falamos em cristianismos, no plural, isto não seria abrir mão do cristianismo, mas entender que não há uma única forma eclesial que esgote suas possibilidades”.⁴⁷ Os movimentos de população, por definição, colocam em cheque a estabilidade e o caráter monolítico das comunidades, pela simples razão que trazem consigo cristãos e possíveis futuros cristãos, relações novas na comunidade, desde outras matrizes culturais e visões diferentes, dentro da quais a fé é acolhida, elaborada, celebrada e transmitida.

Se na comunidade de chegada não existe espaço para essas diversidades, elas morrem, e com elas, a possibilidade de renovação da comunidade. Neste sentido, o

espaço eclesial seria um guarda-chuva amplo sob o qual muitos grupos poderiam se agregar. Isto não é um convite à fragmentação, mas um desafio à catolicidade. Se católico significa algo relacionado com o todo, uma igreja policêntrica teria esse desafio de estar relacionada (criando laços e espaços) com o todo, isto é, com diversas possibilidades ali presentes.⁴⁸

Quem sabe, as das pessoas que chegaram novas por movimentos migratórios, também. Neste sentido, a evangelização dos migrantes e refugiados pode acontecer como forma de releitura da presença de Deus na sua história, que faz de muitas pessoas e grupos desagregados, um povo, reunido em comunidade, casa e espaço de esperança e de vida. O serviço de apoio à organização e auto-organização dos migrantes descobre e revela toda sua força, seu potencial evangelizador e

⁴⁶ RENATO, Ascencio Leon, Obispo de Ciudad Juárez y Presidente de la CEPMH. “El papel de la Iglesia en la asistencia a los migrantes”. México, 12 de Octubre del 2006. *Manuscrito*.

⁴⁷ Cf. BERKENBROCK, Volney José. “Perspectivas e desafios...”, p. 245.

⁴⁸ Idem, p. 250.

transformador da sociedade, pelos pobres e excluídos, exatamente a partir da assunção de uma subjetividade social e eclesial antes, talvez, desconhecida ou impossível.

Falamos da lição de Áquila e Priscila, que vivendo emigração forçada de Roma, aonde chegam se tornam membros vivos da comunidade, transformando a migração em canal e ocasião de partilha da fé, testemunho de vida, anúncio do Evangelho e serviço na comunidade.

A Igreja viva que acolhe os migrantes como filhos(as) e irmãos(ãs) enviados pelo Senhor, que a cada dia agrega, também pelos movimentos migratórios, novos membros à comunidade, é a comunidade que cresce em membros e em maturidade, onde a edificação da Igreja e a (re)construção de identidades são vividos como dois processos inter-relacionados, duas faces de um mesmo quadro. Trata-se da convicção que migrantes e refugiados na Igreja não são somente necessitados – que, quanto existem, o dinamismo missionário faz comprometer a vida e os bens da comunidade pela defesa e promoção da vida desses – mas também, exprimem o dinamismo mesmo da fé, que faz das pessoas que emigram, anunciadores e testemunhas, servidores e profetas, missionários e missionárias que partilham a fé em outras terras, onde quer que vão. Como acolher este dom? Para Brighenti, um dos grandes desafios da missionariedade⁴⁹ para a Igreja Local na América Latina são as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e cita, como razões: a descentralização que torna a pequena comunidade espaço de resgate da identidade, dignidade e auto-estima; a acolhida dos excluídos, para que estes se tornem sujeitos de outro mundo possível, inclusivo e solidário; a unidade fé e vida, que preserva da religião alienante, colando a religiosidade ao sentido e à materialidade da vida; e, o protagonismo dos leigos na evangelização, como preconizou Santo Domingo.⁵⁰

4. O que a Igreja e o Espírito dizem...

Não cabe neste espaço um aprofundamento mais detalhado do que a V Conferência do Episcopado Latino Americano⁵¹ trouxe de novidade ou fortaleceu no que se refere às temáticas da mobilidade humana.⁵² O documento de Aparecida não traz grandes novidades⁵³, mas existem alguns elementos que merecem um destaque especial.

Na primeira parte do documento, apresentando a realidade do continente, os bispos sublinham a forte ligação entre a diversidade cultural e a mobilidade humana⁵⁴, numa perspectiva de conhecimento e inter-relação com a realidade na qual e da qual vive a Igreja no continente. Por outro lado, é citada e comentada a tradicional dependência da migração da pobreza e das formas de exploração da atual economia num contexto da globalização⁵⁵, com suas duras conseqüências para

⁴⁹ Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual*. Realidade e desafios a partir da América latina. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 33-42. O autor indica quatro desafios a partir do contexto atual: situar-se dentro do mundo, fazer do ser humano o caminho da Igreja, fazer do pluralismo não uma abertura mas um pressuposto e uma missão universal a partir da Igreja Local.

⁵⁰ Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora...* p. 42.

⁵¹ O texto final, em espanhol, encontra-se em http://www.celam.info/download/Documento_Conclusivo_Aparecida.pdf. Acesso em 30 de julho de 2007.

⁵² Cf. GONÇALVES, Alfredo J. *Migraciones en el documento final de la V Conferencia del CELAM*, in: http://www.csem.org.br/pdfs/las_migraciones_en_el_documento_final_de_la_v_conferencia_del_celam.pdf. Acesso em 27 de julho de 2007.

⁵³ No ponto 8.6 do Documento, onde se apresentam os rostos sofridos que ferem a Igreja e os povos do continente, depois de tratar sobre os moradores de rua, os n. 407 a 416 tratam pontualmente da pastoral junto às pessoas em mobilidade, no quadro da construção do Reino e da promoção da dignidade humana. A sublinhar que no n. 413 é lembrado que as migrações não são somente um problema, mas são “sobretudo uma possibilidade para o caminho de toda a humanidade”.

⁵⁴ Cf. n. 56 a 59; 88; 100d e 520-533.

⁵⁵ Cf. n. 65, e, sobretudo, 73, que apresenta a mobilidade humana como “um dos fenômenos mais importantes de nossos países”. Ver também n. 90 -91, 96-97, 402 e 473.

as pessoas, as famílias e as culturas. O texto denuncia formas de exploração e violação dos direitos humanos ligados à mobilidade e, em especial, ao tráfico humano e às migrações forçadas.

O principal elemento para nossa reflexão sobre os desafios das migrações à missionariedade não é o que o documento vai dizer sobre as migrações, mas o foco de toda a Conferência, que foi sobre o seguimento de Jesus Cristo e que levou da reflexão sobre o ser “discípulos e missionários” à decisão, que aparece claramente no documento final, de “discípulos missionários”. Os Bispos sublinharam o caráter intrínseco da dimensão missionária à vida cristã, no seguimento de Jesus Cristo, nestas terras, hoje e amanhã também. Esta é a verdadeira premissa para que os desafios que a mobilidade humana produz ou exprime sejam entendidos, acolhidos e respondidos. Uma missionariedade que quer permear todas as dimensões da vida pessoal e comunitária, das realidades institucionais àquelas mais novas e desafiadoras para o anúncio do Evangelho hoje.⁵⁶

O Documento Conclusivo de Aparecida devolve o compromisso missionário, assim como a tarefa de interpretar “e de dar resposta aos novos desafios” às Igrejas locais⁵⁷, e, nestas, o fundamental papel das comunidades locais, nas suas diferentes formas, com atenção especial às pequenas comunidades.⁵⁸ Uma palavra especial do Documento leva a atenção à mobilidade humana como *kairós* para a Igreja em seu caminho ecumênico: “A mobilidade humana, característica do mundo de hoje, pode ser ocasião propícia do diálogo ecumênico da vida”.⁵⁹ Esta indicação chega como um dom particularmente significativo e um convite a migrantes e a missionários e missionárias: mobilidade como ocasião e para as pessoas que migram, suas vidas e suas histórias, e para o diálogo e a comunhão, na Igreja, nas igrejas e fora delas⁶⁰: “os migrantes são igualmente discípulos e missionários e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos imigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã para nossa América”.⁶¹

Enfim, concluindo o Documento de bem 554 números, no número 544 vemos o grande tema, que atualmente perpassa todos os ambientes de luta pela dignidade, os direitos e a subjetividade social e eclesial dos povos do continente, o da integração, sendo assumido como projeto comum dos Bispos, das dioceses e das Conferências Episcopais da América Latina. Uma perspectiva prometedora!

⁵⁶ Cf., em particular, n. 365-372 e a parte sobre a pastoral urbana, n. 509-519.

⁵⁷ Cf. n. 164-169.

⁵⁸ Cf. n. 178-180.

⁵⁹ Cf. n. 231.

⁶⁰ Sobre este tema ver WOLFF, Elias. “Fluxos migratórios, ecumenismo e missionariedade”, *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano 15, v. 28, 2007, p. 127-148.

⁶¹ Cf. n. 377.